FORA D'ASA

# Contos de Travessia

todas escrevemos

**Organizadoras**
Bruna Morelo
Camila Alexandrini

**Capa e Projeto Gráfico**
Lis Bortoli Henz

**Diagramação**
Lis Bortoli Henz

**JULHO 2021**

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**
**(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Contos de travessia [livro eletrônico] : coletânea de escritas de mulheres / organização Bruna Morelo, Camila Alexandrini. -- Porto Alegre : Fora da Asa - Experiências Plurais, 2021. -- Todas Escrevemos ; 1)
PDF

ISBN 978-65-993108-2-9

1. Contos - Coletâneas - Literatura brasileira
2. Mulheres escritoras brasileiras I. Morelo, Bruna. II. Alexandrini, Camila. III. Série.

21-70354 CDD-B869.9308

**Índices para catálogo sistemático:**

1. Contos : Coletâneas : Literatura brasileira B869.9308

Maria Alice Ferreira - Bibliotecária - CRB-8/7964

# Sumário

**Quatro irmãs** **3**
Rosa Pereira

**Florescência** **6**
Pri Cezaro

**Menino** **9**
Neiva Borges

**Dias no mundo dos Meses e Anos** **11**
Nayá Anhanha

**Limpas** **14**
Marina Pelle

**Óculos novo** **16**
Mariana Pfingstag

**Pássaros negros** **20**
Mari A. Bortoli

**Lótus** **22**
Jessica Oleques

**Vestígio de uma vida sem perguntas** **25**
carol stranzke

**10 contos de travessia** **29**
Bruna Morelo e Camila Alexandrini

## Quatro irmãs

Era de manhã de inverno, quando Taiuna despediu-se das irmãs naquele mês de julho. Ela e seu companheiro dirigiram-se à rodoviária em sua cidade natal, com destino a Porto Alegre. Escolheu a poltrona encostada à janela e se manteve calada durante toda a viagem com os olhos fixos e marejados no movimento da paisagem da estrada. Durante as quatro horas o percurso do seu pensamento seguia em sentido contrário ao trajeto do veículo. Taiuna reabria arquivos. Reunia fragmentos do passado em família, marcado por longas ausências. E desacertos. Lembrava do penúltimo encontro com as irmãs, numa Páscoa inesquecível.

Taiuna desembarcou na cidade de São Martinho. Carregava mais entusiasmo e ansiedade do que bagagem à espera da irmã, Janaína, distantes mais de trezentos quilômetros e duas décadas. Refeitas dos abraços, sorrisos e lágrimas , seguiram o caminho para a casa da mãe dividindo preocupações, dúvidas e expectativas.

Entraram no grande conjunto habitacional emitindo comentários sobre as mudanças que surpreendiam os olhos. Desde a última vez em que estiveram naquele lugar, surpreendia a expansão do comércio, das áreas de lazer e templos religiosos se avizinhando aos sobrados com fachadas elegantes e jardins coloridos. Taiuna arregalou os olhos, quando encontrou uma sorveteria ostentando nas paredes imagens de vários dos seus sabores preferidos. As duas se olharam e combinaram de experimentá-los mais tarde.

Chegaram em frente à casa e encontraram a porta aberta. O hábito interiorano não tinha mudado. Viram surgir o rosto que misturava espanto e contentamento. Taiuna, Janaína e a irmã Noala, enlaçadas na mãe, demoraram-se no reencontro-surpresa. Os afagos e o volume do vozerio se propagavam pela moradia. Enquanto se acomodavam e disputavam a intimidade no quarto da mãe, perceberam a ausência de Inaiá, a irmã caçula, fechada em seu quarto, o que não motivou estranheza. Muito menos, o aborrecimento no rosto da mãe. As quatro entendiam que aquela reunião não se tratava de uma celebração religiosa em família.

Bateram na porta e chamaram:

— Inaiá! Inaíá! Abre a porta. Precisamos conversar.

Aguardaram-na na sala por algum tempo. A mãe orientou para que não insistissem. Não queria confusão. As três irmãs voltaram a chamar:

— Inaiá! Inaiá! Abre a porta!

Sem resposta. Inaiá, trancada no quarto. Mas ouvia o cicio de um debate que atravessou a tarde.

Já anoitecia. Janaina e Taiuna convidaram Noala e a mãe para um passeio. Estavam animadas em conhecer a sorveteria.

— Podem ir. Vão se distrair um pouco – sugeriu a mãe.
As três saíram. Caminhavam sob um céu pontilhado no entorno da lua minguante, mas não conseguiam contemplá-lo. Decidiram, numa comunicação telepática, dar uma trégua à aflição, enquanto contentavam o paladar. Noala experimentava o sabor de chocolate; Janaína, de morango e Taiuna se comprazia com duas bolas de flocos.
Passava das nove horas. Encontraram a mãe sozinha com seus pensamentos em prece, acomodada no quarto. Inaiá tinha saído e deixado o aviso de que retornaria somente depois que as irmãs fossem embora. Entreolharam-se com indignação e perguntaram à mãe se consentia que aquilo acontecesse. Por que a atitude passiva diante dos mandos da irmã dentro da própria casa? Não entendiam o motivo. Esperariam Inaiá para uma conversa e reparo da situação. Tinham retornado naquele feriado com a intenção de salvaguardar a mãe do comportamento aviltante de Inaiá. Ficariam até que a irmã voltasse e fosse colocado um ponto final naquela situação. A mãe as escutava em silêncio. Depois de todas as argumentações, o olhar sereno, a fala pausada e tom de voz resolutivo, anunciou que nada se alteraria. Permaneceria naquela com Inaiá e estava decidida, pelo neto que estava para nascer.
— Inaiá está prenhe !!! – Janaína, de olhos arregalados e mãos à boca.
— Meu neto precisará tanto mais de mim, do que a própria Inaiá. As raízes dos meus pés ainda precisam continuar bem fincadas nesta terra, em São Martinho. Não se preocupem comigo. Mas com o que virá bem mais à frente. Com alguém, que pouco mais adiante do meu fim, cada uma de vocês, terá a tarefa de acolher. Entenderão quando esse momento chegar. Agora, voltem para os lares de vocês. Não é um pedido. É uma orientação de mãe. Preciso estar perto de Inaiá para proteger esse filho que está pra chegar. E ele precisará ser recebido num solo muito fértil para trilhar com sabedoria e segurança, a sua jornada.
— Tu estás nos mandando embora? — questiona Taiuna.
- Estou fazendo apenas o que precisa ser concluído para o momento. O amor está presente também em decisões que nos fazem doer por dentro. Depende de onde nós o enxergamos para compreendê-lo. Vejam vocês: cada uma provedora de si mesma. Três irmãs que chegaram até aqui, juntas para me proteger e assim, me sinto forte. É essa aliança que me preenche com a certeza do amor de vocês. Não estou sozinha. Peguem a estrada que leva ao porto seguro que têm acalentado cada uma de vocês, onde o meu amor também sempre estará.
Manhã de inverno daquele mês de julho, na cidade de São Martinho. Taiuna e Janaína despediram-se de Noala e Inaiá, após o funeral da mãe.
Kainã acenava para as tias, até perdê-las de vista, abraçado ao quadril de sua mãe, Inaiá.

**Rosa Pereira** é nascida em Santa Maria da Boca do Monte (RGS), começou a escrever aos dez anos. Mora em Porto Alegre. É professora. Atuou em Educação Infantil na rede privada; no Ensino Fundamental I e II e EJA na Rede Municipal de Ensino da PMPA. Graduada em Letras pela PUCRGS; Especialização em EJA, pela UNILASSALE. Frequenta cursos, oficinas e laboratórios de escrita criativa e dramaturgia. Aposentada desde 2018; concluiu o Curso Livre de Formação de Escritores na Editora Metamorfose onde participou da coletânea de contos “Banquete”. É artesã e confecciona bonecas negras. Faz parte da Orquestra de Percussão As batucas, tocando tamborim e faz aulas de cavaquinho. No momento, se debruça em pesquisa sobre Literatura Africana e Afro-brasileira, escreve poemas, contos e crônicas e publicação de poemas em concursos e coletâneas.

## Florescência

— Há esperança! — minha mãe disse estrondosamente quando eu nasci. Talvez ela tenha pensado: — Quem grita vive! Era Paris no seu melhor dia de março. 1979, naquele ano ela poderia ter voltado para o seu país, mas não quis... Ou não conseguia ainda. Ela sempre me disse que eu sou a flor mais linda do seu jardim, e depois num sorriso de bela lembrança, me conta, repetidamente, até hoje, que realmente causou um alvoroço com meu nascimento, diz assim olhando em meus olhos: — Uma semente tão especial precisava ser vista e ouvida pelos quatro cantos. Tens o nome de Rosa, tens no nome o perfume da flor. Sempre que me conta sobre o dia do meu nascimento, ela se emociona, me abraça bem forte e me dá um beijo na testa.

Somente em meados da década de 80, Zahrah, minha mãe, fez nossas malas para voltarmos para o Brasil. Ela me explica, então, que não gosta de deixar coisas pendentes, tem coisas guardadas que pertencem a outra pessoa, e precisa devolver, porque meu falecido pai assim queria. Enfim chegou a hora de resolver esse impasse.

Reinaldo, o meu pai, "o Professor", como era conhecido, foi, juntamente com minha mãe, banido do seu país em 1971 e exilado no Chile. Assim, ficaram sem pátria e sem documento. O novo país teria sido a terra prometida para eles, mas com o Golpe de 1973, tiveram de se exilar na França, porém não quiseram pedir asilo político, pois, se fosse negado, teriam de deixar esse país também. Meu pai e eu não chegamos a nos conhecer.

1985, o período de transição que trazia esperança, mínima que fosse de se enterrar dignamente seus mortos. Minha mãe precisava resolver o impasse e também necessitava desesperadamente saber sobre sua única irmã, Petúnia, a qual chamava "a minha guerreira flor vermelha", que havia desaparecido após passar pelo DOI-Codi, pelo Dops e por presídios diferentes. Somente, anos mais tarde, minha tia foi encontrada, na vala que tantos foram enterrados como indigentes e com nome falso. No local da vala clandestina, foi feita uma vala de alvenaria, no memorial havia uma placa com os dizeres "Nunca mais".

O primeiro lugar que fomos, quando no Brasil, foi na Floricultura da Flora. Havia um imenso jardim, e as flores formavam os dizeres "Nunca mais".

Zahrah adentrou a floricultura e falou: — Oi, Flora! Lembra de mim?

Flora colocou as mãos na cintura e pensou um pouco: — Claro, não havia como esquecer a aluna preferida do Reinaldo... Zahrah.

Minha mãe disse: — Quando eu entro numa floricultura, nunca sei se quero flores para o jardim, um buquê de flores ou uma coroa de flores.

As duas se abraçaram demoradamente. Flora perguntou meu nome, eu disse. Minha mãe explicou que meu nome de flor era a pedido do meu pai, e que era também uma homenagem à "Rosa de Paris", que acolheu tantos exilados na França. Então, chamou sua filha que aparentava uns quatorze ou quinze anos: — Margarida, leve a Rosa para o jardim,

lhe ensine os nomes das flores.
Zahrah contou tudo que ocorreu no período do exílio. Conversaram sobre a morte do Professor, minha mãe contou que ele escrevia mensalmente cartas direcionadas para Flora, mas minha mãe nunca deixou que as cartas chegassem ao seu destino. Reinaldo também tentou inúmeras vezes ligar para Flora, mas era tomado por um medo abrupto que o congelava e o calava. Ambas, haviam tido suas filhas sem que Reinaldo chegasse a saber de sua gravidez, em momentos diferentes, circunstâncias diferentes e o silêncio sobre a gravidez se deu por motivos diferentes.
Flora disse: — Reinaldo sempre quis ter uma filha com nome de flor, “o nome com perfume de flor, assim como o teu”.
Minha mãe respondeu: — Agora somos nós quatro as flores do seu jardim.
Zahrah e Flora sorriram se lembrando do Professor. Minha mãe continuava sem ter um lugar para ir. Flora se abraçou nas cartas e decidiu nos acolher em sua casa, pelo tempo que fosse necessário. Em 1985, ganhei mais uma mãe e uma irmã.
Toda manhã botava meus pés na terra, sentia o cheiro da chuva ou da água do regador na terra, me sentia num lar florido. Na primavera, período de florescer, eu suspiro longamente e digo: — Ahhh, Há esperança!

**Pri Cezaro** escreve desde sempre...começou entre uma cambalhota e outra, um tropeço e outro, entre uma decepção e uma superação. Como Especialista em História Contemporânea se interessa em questionar o modo de produção capitalista e a mentalidade patriarcal, bem como segue acompanhando as mudanças no mundo do trabalho e do consumo, principalmente para fortalecer a resistência das mulheres contra a perpetuação destes regimes de poder violentos. Por isso ela escreve... Acredita que: Escrevendo/Renascemos mais fortes. Publicou um livro com poemas, selecionados com muito amor, que se chama: Versos de dois mundos. Também, recentemente, publicou um livro de ficção chamado: A sombra e a Luz no caminho da vida. Além disso, tem otras cositas publicadas: textos, cartas e delírios. Assim segue...entoando seus gritos de amor: Adelante Siempre!!! A brindar por El Aguante!!! Escrevendo vamos buscando Liberdade!!!

## Menino

Eu sou um menino. Me chamo Paulo Brasil. Tenho quinze anos de idade, moro na Vila dos Tocos, com minha mãe e sete irmãos. Sou semi analfabeto; evadi a escola aos doze anos para ajudar a minha mãe no sustento de nosso lar. Vendia balas na sinaleira.

Alerto-o. Este não é um conto de fadas.

Infelizmente não conheci meu pai, gostaria de tê-lo conhecido, talvez minha sorte fosse diferente.

Irei narrar um fato recente de minha trajetória pessoal o qual mudou significativamente algumas vidas.

Há um mês, o meu amigo de infância, Mateus, de 17 anos, me chamou para sair. Fui sem pestanejar. Afinal, não tinha nada melhor para fazer.

Neste dia, à tarde, nos encontramos com Ronaldo, de 25, que nos convidou para um trabalho.

Ingenuamente, fomos, sem saber o que aconteceria. Ronaldo pediu Uber, e seguimos nós três. Após dez minutos de corrida, Ronaldo anunciou o assalto, estava armado. O motorista, diligentemente, fez o que mandamos.

Eu estava apavorado. Prosseguimos. Ronaldo amarrou as mãos e os pés do motorista e colocou-o no porta malas, coitado chorava como criança.

Continuamos nossa viagem de retorno para casa. Então fomos perseguidos por um grupamento policial. Mateus era o boleia, nervoso e agitado com aquela situação surreal de fuga policial, bateu o carro, capotou. Tiroteio contra os militares. Um deles morto.

Só lembro desses fatos. Acordei três dias após, em um hospital. Fui baleado, passei por várias cirurgias. Perdi o baço e um rim.

Hoje estou aqui. Cheguei temeroso com os acontecimentos, com os outros e com a falta da minha mãe. Estou em quarentena, não posso sair para nada. Só ouço vozes e vejo pessoas passando no corredor.

Os fantasmas daquele dia me assombram. Não sei o que fazer e o que pensar. Já me disseram para rezar. Outros orientaram-me a pedir medicação. Todos os medos me afligem. Esta clausura e o silêncio me dominam. Não sei o que irá acontecer.

Se o tempo retroceder, seguiria os sábios conselhos da minha coroinha.

- Guri, fica em casa e cuida dos teus irmãos!

**Neiva Borges**

**Neiva Borges** é formada em Letras Unisinos-RS, 2008. Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais /Unisinos 2014. Especialista em: Estudos Discursivos do Texto/ UFRGS 2010, Especialista em Juventude, Violência e Risco / UFSM 2011; Psicologia Jurídica /Unylea 2017; Direito Ambiental Uninter 2017, Especialista em Educação Ambiental FURG 2019. Funcionária Pública Estadual do Rio Grande do Sul desde 2002 exercendo a função de Agente Socioeducador e ainda Voluntária da Justiça Restaurativa CEJUSC/ RS como facilitadora na Justiça Restaurativa. Sempre gostou de ler e aprender; acredita que o conhecimento abre caminhos para o autoconhecimento e a liberdade.

**Dias no mundo dos Meses e Anos**

São 06 horas da manhã. Elena levanta de sua cama e olha para o relógio em fúria. Acorda como se alguém tivesse jogado um balde de água fria em seu rosto. Sem parar de bocejar percebe, ao fechar dos olhos, que seu coração bate lentamente. A cada passo que dá em direção à cozinha, sente que toma um tempo redobrado. A vida parece estar lenta e arrastada. Isso é um problema, Elena tem pressa e sempre está correndo contra as horas. Tudo precisa ser feito com antecedência já que sabe que não pode contar com a instabilidade do Mundo Relógio e os folgados dos MêsiAnos.

Elena revira seus olhos e pensa “Acho que tenho um estômago-aquário, vou alimentar meus amigos aquáticos”. A fome que provocava cócegas se travestia de peixes dentro de sua barriga. Recém acordada, olha para o seu relógio, passaram-se somente 2min, para ela era uma eternidade. Porém, submersa em sua mente e inconformada sobre a forma que acordara, Elena reflete precavida "Da próxima vez volto a dormir com um cobertor impermeável. Não importa quem me jogou água, agora nem mangueiras abertas, nem baldes cheios e lágrimas de crocodilo irão me acordar dessa vez".

06:04 da manhã e ela pensa "Impossível ter passado tão pouco tempo!" e logo se depara com seu corredor. A parede de bolinhas azuis descascadas começa a se esticar, elas se tornam elipses mal feitas. "Será que há algo ocorrendo no Mundo Relógio? Algo diferente deve ter acontecido". A realidade é que queria que os MêsiAnos começassem a correr na hora de trabalho com mais agilidade e rapidez. Eram 06:10, precisava ser resiliente e conseguir chegar cedo em sua cozinha, contudo seu corredor parecia se esticar e crescer mais e mais do que se recordava dele.

A cada passo, um bocejo escapava pelas suas mãos. Quando se deu conta, mais 5 minutos haviam passado. "Que merda, que dia será que é hoje? Será que é janeiro ou fevereiro?", indagou. Seu andar era como de uma lesma naquele corredor alongado como puxa-puxa. O isolamento a deixava cada vez mais confusa. A sua percepção era nublada em meio a tanta solidão e claustrofobia. O mundo poderia dar uma volta inteira na galáxia e ela continuaria ali no corredor.

Ao olhar ao seu redor sentiu uma umidade na sua barriga, só podiam ser os malditos peixes com fome. De repente se pôs a gargalhar como se não soubesse se estava entrando ou saindo do sanatório, pensou no quanto ela era ridícula e isso era um elogio. E rindo de si mesma, com o ventre encharcado, quase molhando seus pés, voltou para o quarto. Ela teve um déjà vu e no fundo sabia que não precisava cozinhar nada. O seu quarto tinha cheiro de naftalina, lembrava a sua vó. Contudo, sem se dispersar, olhou para o balcão ao lado da cama e lá estava o pão. Agora seu quarto cheirava a naftalina amanteigada. Mesmo assim Elena abriu um sorriso e sentiu-se satisfeita. Agora não havia necessidade de ir até a cozinha, ela mesmo havia se poupado do trabalho. O tempo estava arrastado

demais para fazer qualquer coisa.
Ela não recordava, mas às 05:40 já havia acordado e feito seu pão. A intuição dizia que algo estava errado no Mundo Relógio. Então como uma sonâmbula andando bêbada em uma estrada de concreto construída também por um bêbado sonâmbulo, ela havia ido à sua cozinha. Seu apartamento era normal para quem normalmente olhasse para ele. O que chamava atenção de todos que a visitavam era a quantidade excessiva de relógios. Amigos perguntavam "Pra que tanto hein, Elena? Se atrasar é tão horrível assim?" e ela dava os ombros, ninguém compreenderia.
Enquanto fazia seu sanduíche ela pensava "Talvez os MêsiAnos não aguentem mais o tic-toc, pior ainda! Talvez eles se cansaram de controlar o nosso tempo todo dia e a cada noite". Estava preocupada em como tudo estava lento e longo. O cheiro do café preto que percorria seus sentidos transportava-a para memórias. Como o tempo estava redobrado, ela se demorava em seus devaneios. Conseguia quase ver como uma foto ou um filme em câmera lenta. Absorta pelo êxtase de estar temporalmente suspensa, não resistiu e apagou por alguns segundos.
Acordou de rompante às 05:50, levantou-se e foi ao encontro de Morfeu. Deitou em sua cama e antes de cair em sono profundo pegou seu relógio na mão com a certeza de que era impossível ser aquele horário. Logo o que restava era voltar algumas horas do seu relógio, talvez o tempo voltasse a correr normalmente. Ela esperava que os MêsiAnos fossem mais produtivos em seu trabalho de serem dias no mundo dos meses e anos, porém preferiu arriscar de resolver o horário por si mesma. De repente todos seus vizinhos começaram a gritar atordoados porque algum pregador de peças trocou o horário dos seus eletrônicos. Elena gargalhou com a situação e se pôs a dormir.

**Nayá Anhanha**

**Nayá Anhanha** é educadora e cientista social pela PUCRS. Escritora de prosa e poesia no instagram @soulanaya onde expõe suas escritas na rede social de forma a democratizar e acessibilizar o que cria. Idealizadora do projeto "Atravessamentos" no Spotify, podcast com episódios criados a partir de suas crônicas e contos. Atualmente focada em sua pesquisa acerca de música como dispositivo esquizodramatico emancipatório em busca de mapear as potencialidades de transformação a partir da arte.

## Limpas

Vejo os números nas horas. O tempo não passa. Ele é. É número, é gente, é corredor, ambulador.
6 minutos por pacientes. (ou teríamos que dizer cliente?)
1 minuto para despir.
2 para ensaboar.
1 para renxaguar.
1 para secar.
1 para vestir.

A diretoria composta de homem ágeis e hábeis estava de acordo: “Precisamos que seja feito em seis minutos.”

Avanço no quarto 33. Mal coloco a mão na fechadura, escuto a cadeira sendo jogada em direção à porta. Cliente impaciente que tem até advogada. Exigimos maior tempo, maior dedicação... Exigimos.. querida, que sabe ela das exigências.
Coloco a mão devagar na maçaneta. Estávamos todas frágeis. A maçaneta, a cadeia, eu, ela. A advogada também, acredito eu. Quem não somos frágeis?
Ela me olha “Não me encosta.”
Junto a cadeira e me sento.
Nos olhamos durante os dois minutos e 33 segundos restantes. Me levanto. Nos sorrimos.
Limpas.

**Marina Pelle**

**Marina Pelle** saiu de Serafina Corrêa (existe!) para estudar Artes cênicas na UFSM. Foi o amor pelo teatro e pela pesquisa de processos criativos que levou ela à Paris 8, para um mestrado em Arts du Spectacle. Apaixonada pela língua francesa, decidiu fazer uma formação de FLE (francês para estrangeiros) caso precisasse uma vez de volta ao Brasil. Não se adaptou tanto aos métodos das escolas onde trabalhou, mas definitivamente adora ensinar na sua escola Chouette. Escreve desde sempre.

## Óculos novo

— Ah! Mas esse Dolce & Gabbana ficou ótimo em ti! — é o que ouço de Rita, a vendedora e técnica da óptica.

— Eu achei um tanto exagerado, e essa cor não me favoreceu. Aquele outro, da Grazi Massafera, ficou muito melhor.

Ela sorri e abre a gaveta abaixo da mesa de vidro, oferecendo mais opções.

— Que tal uma armação clássica? Este é um modelo retangular na cor tartaruga, vai ficar lindo em ti. — Rita diz animada.

Ah, se ela soubesse que uma armação clássica é justamente o que eu não desejo. Até penso em pedir por modelos mais ousados e coloridos, mas tenho receio de escolher algo muito marcante para um rosto nem tão jovial.

— Muito bonito, mas não é o meu estilo. — respondo educadamente.

Rita abre outra gaveta de belíssimas — e provavelmente importadas — armações, dessas que estampam as capas de revistas e outdoors pela cidade.

— O que acha desse Tiffany & Co.? Atemporal, leve e discreto; e o preço está super em conta. — ela segura um modelo na cor nude fosco, lindíssimo.

Experimento e gosto do que vejo, mas quase enfarto ao olhar a etiqueta de ”preço bom”, que mesmo com desconto, ainda exibe quatro dígitos. Pasma com o valor, sutilmente o devolvo e disfarço olhando ao redor, sentindo-me cansada de experimentar tantos modelos e não decidir por nenhum.

— Olha! — Rita vibra com a armação em mãos — Um pretinho básico! Um modelo arredondado e sem plaquetas, elegante e diferenciado.

— Nossa! Diferente, mesmo. Mas eu não curto os detalhes em dourado. — reajo um tanto sem graça, reprovando todos os modelos diante de mim.

Coloco meu óculos atual, na cor cinza claro, e penso em como é custoso encontrar uma armação que eu goste — mesmo sendo a minha realidade desde os onze anos, quando descobri a miopia e passei a peregrinar de ótica em ótica. Faz quase dois meses que o receituário está na bolsa e, até agora, nada de “dar match” com algum modelo irresistível — eu poderia alegar que sou exigente e não me contento com um óculos qualquer, mas a verdade é que sou indecisa. Quer dizer, eu estou indecisa, porque nem sempre fui assim. Quando mais jovem eu achava exaustivo procurar por óculos novos, e desejava encontrar uma armação que fosse vitalícia, anti arranhões e discreta, pois lentes de grau e adolescência não combinavam. Com a chegada da vida adulta as idas ao oftalmo tornaram-se algo bom, e passei a “enxergar” a troca de óculos como uma chance de inovar. Quem me vê tão receosa em relação às mudanças, não imagina que foram anos ousando em armações diferentes: já usei um modelo transparente de haste preta (chiquérrimo); um cor de vinho com rabiscos em amarelo e lilás; um verde vibrante com

flores e Strass; e um “oclão” terroso com detalhes em turquesa. Cada armação me acompanhou em diferentes etapas da vida, e acredito que me reinventei em todas elas — tanto que os óculos quase sempre vinham seguidos de um novo visual, no qual a mudança refletia no externo as transformações que eu vivia internamente.

Ao pensar na dificuldade em encontrar os óculos, revivo o meu passado oftalmológico, e me pergunto como pude abandonar as cores vibrantes e cheias de atitude para me tornar alguém que investe no “preto & nude” por medo de ousar. Respiro fundo e atribuo essa resposta ao meu momento de transição, que envolve a mais difícil das escolhas: mudar a área de atuação. De assessora jurídica passei a estudante de comunicação social, e por isso busco por um óculos que me comunique, mas que passe bem longe das armações clássicas e discretas.

— Você procura por algo específico? — retorno do meu devaneio ao ouvir a pergunta de Rita.

— Sim! — respondo no impulso — Gosto dos estilos gatinho e oval, pois combinam com o meu formato de rosto. Ah! E o tamanho da armação é 55.

— Certo. Vou buscar outros modelos. Qual o seu nome mesmo?

Enquanto aguardo, caminho pela ótica e olho as prateleiras em busca de um óculos para chamar de meu. Vejo muitos modelos diferenciados em metal, titânio e acetato; além das inúmeras opções solares Ray-Ban e as belíssimas armações de cristais Swarovski — que custam muito mais do que posso pagar. Mesmo atenta às opções me pergunto “por que diabos não me adaptei a lente de contato”. A vida seria tão mais fácil, mas eu perderia a minha marca registrada, que são os óculos tão... Diferentes.

— Desculpe a demora. — Rita aproxima-se carregando armações neutras, coloridas, e de custo-benefício acessível, mas que não são o que desejo.

— Acho que já olhei todos os óculos da ótica, né? — falo em um tom bem humorado, mas pensando seriamente em levantar e ir embora.

— Ainda não! — Rita entra na brincadeira — Falta experimentar esses três modelos aqui, todos no tamanho 55. — ela diz.

Rita coloca sobre a mesa um estojo que, acho eu, estava escondido até então. Ao abri-lo, deparo-me com uma armação vermelha Vogue, no modelo gatinho, em acetato e hastes de metal. Experimento e me encanto de imediato, pois vejo refletir bem mais do que um óculos criativo: vejo, também, quem eu costumava ser, e sinto como se a ousadia das antigas armações se conectasse ao meu atual momento e eu pudesse, enfim, me comunicar.

Diante do espelho, me admiro de todos os ângulos possíveis e imagino tudo que virá a partir dessa mudança (ou finjo que imagino, pois não posso atribuir ao óculos o poder da transformação). Sendo assim, interpreto a novidade em meu rosto como se fosse um sinal; um “alerta vermelho” — literalmente —, ou um convite a olhar para os meus desejos,

criar coragem e arriscar, pois mesmo receosa, estou confiante de que escolhi o melhor.
— Está perfeito em ti! — Rita sorri, como quem sabe que a busca pelo óculos novo chegou ao fim.
Assinto que sim com a cabeça e sorrio de volta, como quem enxerga a nova fase que está prestes a começar — e que vai muito além de um par de lentes e uma simples troca de armação.

**Mariana Pfingstag** é professora licenciada em Letras (Unisinos) e Especialista em Estudos em Tradução (PUCRS). Em 2020 deu os primeiros passos na literatura como coautora dos E-books “Os Medos Não Fazem Sentido” e “Quando o ano novo chegar” — um projeto de escrita coletiva feminina cujos sonhos eram o mesmo: escrever e publicar. É uma geminiana raiz que gosta de falar e contar histórias; que acredita que nada é por acaso; e acredita mais ainda no poder das palavras, por isso escreve do único jeito que sabe: com o coração.

## Pássaros Negros

Fecho um pouco a janela. A luz do dia incomoda. Só um risco de sol. Ando em um campo a céu aberto. O verde da grama se confunde com o da poça de água. Meu corpo está em alta velocidade. Corro. Mas não sinto os meus pés no chão. Estou em um carro sem direção e não posso fazê-lo parar. Ele adentra uma linha reta. Uma estrada de terra escavada no meio de um morro. Por todos os lados, pura terra. Carne. Salto. Como se o carro passasse sobre uma pedra. Um pensamento me alivia. Isso tudo não é real. Mas, o que é? Pasmo! O carro para. Tento desesperadamente dar a volta. Eu quero voltar. Tento carregar o carro sobre os ombros, num esforço inútil. Meus pés pisam a terra molhada. O céu está nublado. Pesado. O tempo parece querer me espremer. Mas não procuro abrigo. Estou entre o continente e o oceano. Da água, pássaros negros me observam. Esticam os pescoços. Arregalam os olhos. Espiam minhas memórias. Encontram uma lembrança. Já estive do outro lado. Como se fosse um sonho. Sinto o sol. O sorriso das pessoas. Os barcos de passeio. Mas agora tudo é diferente. Daqui, de onde estou, vejo o outro lado tão nublado e escuro como este. A cidade com seus prédios jorrando águas como se fossem cachoeiras. Cortinas. Seus habitantes nadando e brincando entre os pássaros. Risos e alegrias insuportáveis. Agonia. Estou em casa. Novamente a lembrança de já ter estado neste lugar. Longas escadas a minha frente. Início da peregrinação. Sou tomada por uma alegria e uma velocidade infantil. Tudo parece uma brincadeira. Chego ao último degrau e não estou em lugar algum. Ao lado, outra escada. Uma bifurcação de escadas no ar. Escadas suspensas. Uma porta fechada. Abro-a lentamente. Entro na sala. O chão é falso. A luz amarela/vermelha arde em meus olhos. Um casal à mesa come e bebe. Feliz. Medíocre. Uma criança brinca sobre o tapete. Faz cara de anjo. Demônio. A casa ameaça desabar. Saio. Mas nem tudo está perdido. Outra escada. Abro a porta. Entro no quarto. Seguro firme minhas próprias mãos como se delas tirasse alguma força. Sento na cama. Uma presença toma conta do meu corpo. Sinto um abraço por trás. É como se eu ganhasse uma forma extra. Uma casca. Algo ex/terno ganha minha forma. Misturo-me. Já não tenho medo. Sobre a cama uma concha. Uma cavidade. Um caixão. A morte me olha como uma mãe: doce e assustadora.

**Mari A. Bortoli**

**Mari A. Bortoli** nasceu em Abdon Batista (SC), no ano de 1967, e atualmente vive em Porto Alegre (RS). Formada na área das Ciências Sociais Aplicadas com interesse por muitas outras. Ocupa-se com ensino, pesquisa e execução de políticas públicas. Gosta de literatura, de encontros e de exercícios de liberdade.

## Lótus

Tenho um casamento para ir. Pegarei o ônibus no fim da linha às 17h para ir à outra cidade onde será realizado o casamento. Não posso perder esse ônibus, senão chegaria atrasada para o evento. Mas isso não seria um problema, visto que já estava arrumada, faltava só calçar os sapatos.

16:35h. Chamaria o uber e em 5 minutos chegaria no fim da linha. Irei bem mais cedo, para garantir que farei a viagem sentada e não em pé no ônibus. Chamo a minha mãe para irmos logo, mas ela estava limpando a casa, nem havia ainda tomado banho. Não entendi por que ela não estava pronta ainda e nem por que resolvera arrumar a casa de última hora. Eu ainda não tinha colocado os sapatos, mas isso é tarefa de meio minuto, pois era a única coisa que faltava no look. 16h45 é a hora em que ela vai para o banho. Entro em desespero, vamos perder o ônibus. Abro o site da empresa de ônibus, descubro que tem outro ônibus às 17h35. Ufa, chegaríamos um pouco em cima da hora, mas ainda assim não estaríamos atrasadas. 17h05. Minha mãe sai do banheiro pronta, com o cabelo pingando creme para pentear nas pontas molhadas. Mas pelo menos estava pronta. Procuro o sapato para calçar, um coturno preto, que no meu imaginário combinaria perfeitamente com o vestido midi rosa clarinho com rendas e babados. Vou até o móvel onde guardo os sapatos, no entanto, encontro só um dos pés do coturno. Tudo bem, vou calçar outro sapato. Quem sabe essa sandália linda com tiras pretas? Fica horrível com esse vestido. E esse oxford pretinho? Pelo amor de deus, tanto tempo de quarentena e sem usar calçado fechado, não lembrava que os meus pés pareciam tão pequenos para o meu corpo. Nenhum calçado serve minimamente no meu pé sem desequilibrar toda a silhueta. Quem mandou eu ser leonina? De certo esse tipo de análise crítica com a própria imagem nem sequer passava pela cabeça da maioria das pessoas não-leoninas. 17h10. Decido procurar em todos os cantos da casa em que geralmente largo os meus sapatos, na tentativa de achar o outro pé do coturno. Não está no closet. Vou até a varanda onde largo os calçados assim que chego em casa. Também não está. 17h15. Desisto, não há mais tempo. Volto ao móvel onde guardo os sapatos. Azar, vou colocar qualquer um e me sentir nada confiante porque não planejei todo o outfit e claramente coloquei um calçado de última hora.

Reviro todos os meus calçados na esperança de encontrar algum par que tenha passado despercebido. Eis que surge, então, um calçado preto que eu não lembrava de ter comprado. O modelo do sapato se chamava “lotus”. Já tinha namorado esse par no site da loja há muito tempo, mas como eu tenho esse problema de pés pequenos, achei que não conseguiria combinar com nada que tenho e fazer a troca seria muito estressante. Experimentei o calçado. Casou perfeitamente com o meu vestido midi rosa clarinho, parecia que tinha sido feito para ele e para mim. Minha confiança e autoestima foram ao

máximo naquele momento. Ao mesmo tempo em que estou me sentindo adorável, me pergunto se não sou muito fútil por me sentir bem por causa da minha aparência.

17h20. Caralho, fiquei me admirando no espelho e me auto criticando e quase esqueci do horário do ônibus. Chamo o uber. Ele está há 3 minutos de distância. Puta merda, vai que ele invente de abastecer no posto, procurar troco, ou perguntar "para onde tu vai?". Aí nesse caso eu estaria lascada, porque já está em cima da hora e cada minuto é precioso para não perder o ônibus.

17h25. Chega o uber. Olha só, Fernando, né? O nosso ônibus sai às 17h30, tá? Não que eu queira botar pressão. Como o caminho é bem curto, o motorista consegue chegar bem rápido ao final da linha. 17h29. Saímos correndo do uber para entrar no ônibus, que já está ligado. Enquanto corro, penso que vou ficar suada. Conseguimos pisar no ônibus e assim o motorista começa a fechar a porta para partirmos. Naquele instante, meu gato Frederico sai correndo atrás da irmã dele pelo aparador onde deixo a minha TV e os dois derrubam tudo que há pela frente no meu quarto. Acordo no sobressalto.

O que o meu inconsciente quis me dizer? Que talvez eu precise ter menos medo de arriscar e assim investir em coisas que eu tenha gostado, assim como o sapato? Que eu procuro por todos os lados o par perfeito, mas o tempo todo ele está ali na minha cara? Por que o meu inconsciente tem a mania de mandar metáforas, não sabe que eu não entendo indiretas? Pego o meu celular, que deixo ao lado do meu travesseiro. Vou entrar no site da loja e comprar aquele sapato.

**Jessica Oleques**

**Jessica Oleques** Rodrigues é formada em Licenciatura em Língua Portuguesa e Literaturas em Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) desde 2016. Professora de Língua Portuguesa e Literatura na rede estadual do Rio Grande do Sul desde 2017 e na rede particular desde 2020. A leitura e a escrita criativa têm espaço fundamental nas suas aulas, pois acredita que contribuir para a construção de bons leitores é elementar na formação de cidadãos críticos.

## Vestígio de uma vida sem perguntas

Encaro o guarda-roupa há pelo menos meia hora. deveria abri-lo para então dar um destino ao que quer que esteja em seu interior. deveria. mas não sei por onde começar. uma semana depois do dia em que meu irmão me ligou às cinco da manhã para falar que minha mãe e o namorado haviam morrido em um acidente de carro, ainda não sei o que fazer com essa informação. não é como se eu estivesse surpresa com o acidente. ela sempre dizia que essa história de "se beber, não dirija" é bobagem. isso é coisa da cidade grande, filha, no interior não tem disso, não — tranquilizando uma eu de nove anos que levava as campanhas da rbs muito a sério.

Eu sequer sabia que ela namorava, afinal, a gente não se falava há mais de dez anos. estar agora nesta casa é como estar na de uma estranha. ainda mais com toda essa bagunça que não condiz com a imagem que tenho guardada dela. quando eu ainda morava aqui, mal terminava de tomar o que quer que estivesse tomando, e ela já vinha apressada tirar o copo da minha mão, com um sorrisinho seguido de um deixa eu só levar isso aqui na pia, filha. e qual a lógica de tanto branco? móveis, paredes, chão, tudo branco. parece um hospital. no mínimo ela viu em alguma revista como uma decoração clara ajuda a iluminar o ambiente e levou a dica a sério. dona ana e sua mania de entender tudo na literalidade extrema. nada de novo.

Julgar a personalidade e os gostos dela é bem mais fácil do que encarar o que está bem na minha frente. preciso abrir as portas do guarda-roupa. o que eu vou fazer com tanta tralha que nem é minha? e pior: não é como se houvesse outra pessoa para fazer isso. meu irmão mais velho só apareceu no velório e saiu correndo com alguma desculpa de trabalho, aquele imprestável. e ela nunca deixou alguém se aproximar demais a ponto de ser considerada uma amiga. sobrou pra filha-vergonha-da-família aqui.

A pressa para ir embora dessa casa cirúrgica faz criar a coragem que eu precisava para abrir as portas. socorro, mais bagunça. todas as roupas foram jogadas para dentro como que saídas direto da máquina de secar para as prateleiras. parece que eu entrei na casa errada. o que aconteceu com os padrões organizacionais da dona ana? li esses dias em uma revista sobre transtornos de humor na sala de espera da psicóloga que perder a vontade de fazer atividades que você sempre gostou de fazer pode ser um sinal de depressão — às vezes a pessoa sequer tem vontade de sair da cama. viro a cabeça para confirmar o que já havia visto ao entrar no quarto: a cama está desarrumada.

Estico a coberta e coloco o travesseiro no centro da cabeceira como se fosse restabelecer a imagem que guardo da minha mãe. volto para o guarda-roupa enquanto inspiro tão fundo que tenho dificuldade em soltar o ar. como tudo está fora do lugar, é melhor colocar todas as roupas em cima da cama, para então dobrar e pôr dentro dos sacos azuis que a moça da loja disse que sempre usa e que são super resistentes.

Enquanto as prateleiras se esvaziam e os sacos de lixo enchem, algumas roupas trazem lembranças de um passado que não parece meu. o vestido rosa de bolinhas brancas com que eu desfilava em frente ao espelho quando criança. o vestido brilhoso que ela usou no meu aniversário de quinze anos. a maldita blusa tigrada que ela estava vestindo quando me expulsou de casa aos gritos dois anos depois.

Na época eu pensava que só porque me amava, ela aceitaria a minha sexualidade logo de cara. quanta ingenuidade. ela me amava, lógico, mas o amor não era maior do que as suas crenças retrógradas e conservadoras. mandar embora a filha adolescente recém-assumida bissexual parecia mais razoável do que tentar entender o que isso significava. que não, isso não é indecisão ou promiscuidade. que eu continuava sendo filha dela. que continuava sendo a mesma de sempre. para mim, nada havia mudado. para ela, tudo. ela continuava sendo minha mãe, mas eu não era mais filha dela.

Eu não consigo. é demais pra mim. vou pagar alguém para terminar de esvaziar as prateleiras, como que achei que teria condições de fazer isso. sento no banco em frente ao roupeiro para controlar a enxurrada de emoções que chegam de uma só vez. que hipócrita. depois de ensinar cada mínima regra de organização, teve a capacidade de chegar ao fim da vida vivendo em meio a essa nojeira. como isso foi acontecer? transbordam lágrimas que nem sabia que ainda guardava em mim.

Enquanto seco meu rosto com a manga do moletom, vejo um único tecido dobrado na última prateleira de cima. é de um xadrez marrom e bege inconfundível: é a nossa manta. eu não acredito que ela guardou esse tempo todo. nem sei que fim deu a minha. a última vez em que a vi foi cinco anos atrás depois de uma tentativa de diálogo pelo telefone com minha mãe. quis rasgar, picotar em mil pedaços, atear fogo, jogar pela janela, descontar na manta a raiva que sentia por quem a havia me presenteado. a ju não me deixou jogar fora. deixa que eu levo pra casa, um dia, quando tu tiver mais calma, eu te devolvo. um tempo depois disso a gente terminou, e na devolução dos pertences que estavam na casa dela, a manta não veio junto. eu nem fiz questão de lembrar dela também.

Instintivamente a abraço e viajo catorze anos para trás, para o dia em que arrumava as malas para ficar duas semanas nos meus padrinhos, no sul do estado. eles vieram para o meu aniversário de treze anos e me convidaram para ir junto. aceitei na hora. tudo para não ficar as duas semanas das férias de julho trancada em casa assistindo às programações repetitivas da globo. era a primeira vez que ficaria longe de casa. quando estava fechando a mala, minha mãe entrou no quarto com um embrulho nas mãos:

— Essa manta me acompanha desde que eu era adolescente. Cortei ela ao meio na vertical para formar duas. Uma fica comigo, e a outra, contigo. Sempre que tu sentir saudade de casa, tu abraça a manta. Assim, eu vou estar sempre lá contigo, e tu vai sempre estar aqui comigo. Combinado?

Combinado.

Repetir a resposta do passado em voz alta me traz de volta para o quarto da minha mãe. a manta está molhada pelas lágrimas que apareceram sem eu perceber. bah. mesmo depois de tudo o que aconteceu, ela guardou a manta. apesar e antes de tudo, a nossa relação teve bons momentos. será que ela se arrependeu, mas não teve coragem de me procurar? será que se consumiu por uma culpa que a fez entrar em um buraco depressivo? será que ela finalmente percebeu que o amor por mim era maior que o preconceito dela? passo a manta ao redor do meu pescoço para sentir um abraço que não existe mais. em vão. só traz dor. fecho as portas do guarda-roupa. já é tarde demais para essas perguntas. já é tarde demais para nós

**carol stranzke**

**carol stranzke** é nascida em Nova Palma/RS em 1995. Formada em Direito pela UFRGS e estudante de Escrita Criativa na PUC-RS. Acredita que ninguém é definide por um diploma. Coloca no papel o que sente desde os 13, mas só aos 25 que abriu suas escritas pro mundo. Passa o tempo pandêmico escrevendo, lendo mulheres contemporâneas, cuidando da natureza e esperando o dia em que todes estarão vacinades.

10 mulheres se reuniram para escrever. Era só uma célula pequena de todo um organismo. Mas cada célula sabia da importância que tinha para o funcionamento de todo aquele metabolismo.

Durante três sábados, cada uma colocou o relógio para despertar e, pela manhã, prepararam um café, deram comida para o gato, abriram as janelas, penteraram os cabelos, sentaram-se em frente ao computador para juntas escrever.

Durante mais ou menos 10 horas, todas pensaram juntas sobre o que é a escrita, o que essa representa individual e coletivamente para cada corpo-mulher. Souberam, mesmo talvez antes de saber de fato, que cada segundo daquele tempo era uma parte fundamental para o movimento seguinte.

Certamente, queriam ter falado mais, ter escrito mais, ter estado um pouco mais juntas. O tempo corre, nos atropela, a vida escorre. Entre as flores do nosso jardim e as trincheiras do desgoverno do mundo, cada mulher, ainda assim, compartilhou consigo e entre si algumas palavras de amparo, alento e afeto. Como se encontrássemos uma manta, carinhosamente deixada por nossas mães, lembrando-nos que não estamos sozinhas, nos aquecemos no olhar atento à leitura do conto da outra.

O óculos deixado sobre a mesa, descansando o olhar do brilho da tela, que já nos cansa um tanto, deu start para um novo texto. A memória das irmãs encheu os olhos de lágrimas de todas. As travessuras do menino, que podia ser também menina, instigaram a travessia de uma. O resgate de um texto guardado fez lembrar de que precisa cuidar mais de si. E o sonho, por que ele não ser a matéria desta escrita?

Resolveram esquecer as críticas dos homens de terno que oferecem oficinas de escrita para, na verdade, enfraquecer nosso pulso. Quiseram dar eco à voz que há dentro delas, hoje e cada vez mais. Escrever é como falar o que se pensa, concluíram, provisoriamente, porque dali em diante só haveria espaço para o pulso e para a língua.

Cada uma dessas 10 mulheres abriu um caminho para o labiríntico encontro que é se (des)encontrar na/pela escrita. Pode ser confessional, pode ser ficcional, pode ser a tal. Uma travessia sem fim, uma dança de corpas que sabem dançar.

Todas escrevem.

TodAs EscreVemos.

**Bruna Morelo e Camila Alexandrini**

## ORGANIZADORA

**Bruna Morelo** é professora de língua portuguesa e inglesa, Mestra em Linguística Aplicada, pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, e doutoranda na mesma área pela Universidade de Macau - China. Realiza pesquisa e trabalha com contação de histórias da tradição oral no ensino de português e na formação de professores. Atualmente, é apoiadora e realizadora da Fora da Asa – Experiências Plurais, coletivo de mulheres que promove ações e projetos culturais e educacionais. Colabora como revisora e avaliadora de periódicos científicos e, recentemente, tem participado da elaboração de oficinas de escrita para mulheres e de projetos para publicação independente.

## ORGANIZADORA

**Camila Alexandrini** é professora e doutora em Letras (PUCRS/2017). É autora de “mesmo sendo só um pedaço de vida profunda” (2017), livro de contos publicado via financiamento coletivo, “Orgasmo Desconhecido” (2019), plaquete de tiragem limitada e posteriormente e-book, e co-autora de “Raízes inventadas” (2018), livreto de ensaios, publicado de forma independente via Coletivo Lápices, coletivo de intervenções urbanas do qual fez parte de 2013 a 2017. “Do lado|de fora” (no prelo) é seu último livro, no qual se dedica à poesia e à prosa poética. É uma das idealizadoras do projeto cultural e educacional Fora da Asa - Experiências Plurais (2017-) e ainda integrante do grupo que trabalha pela manutenção do projeto e do espaço (-2020). Em 2020, foi produtora do projeto TodAs EscreVemos, convocatória, seguida de panorama, de escritas de mulheres de Porto Alegre.

## DIAGRAMAÇÃO/ DESIGN

**Lis Bortoli Henz** é nascida em Porto Alegre, 1995. Interessada por fotografia, desenho e arquitetura desde criança. Busca por uma mistura desses temas no Design Gráfico/de Produtos. Formada em Design de Produtos pela Unisinos em 2017, trabalha na área há 3 anos. No seu portfólio: criação de outdoors, anúncios para jornais e revistas, identidade visual, diagramação digital, posts para redes sociais, além de alguns projetos de Design de Produtos premiados em parceria com Tramontina e Junges.

toDAS
escrevemos

# FORA DA ASA

**Fora da Asa**
**Experiências Plurais**
foradaasapoa@gmail.com
www.foradaasa.com.br